

**DESLOCAMENTO COMPULSÓRIO EM PEQUENA CIDADE:
EFEITOS PRODUZIDOS NA CULTURA, NO LUGAR E NA
IDENTIDADE DE MORADORES DA CIDADE DE NOVA PONTE (MG)**

Joana D'Arc Vieira Couto ASTOLPHI¹

Vicente de Paulo da SILVA²

RESUMO

O presente trabalho trata do deslocamento compulsório em Nova Ponte, uma cidade pequena, motivado pela implantação de hidrelétrica, com efeitos associados à cultura, ao lugar e a identidade sob o ponto de vista da população local. A área urbana da cidade foi inundada pela formação do reservatório da hidrelétrica e, em consequência, foi construída uma cidade nova, também chamada de Nova Ponte. Foi realizada uma pesquisa, de caráter quantitativa e qualitativa, com moradores egressos da cidade velha, com objetivo de compreender os significados da inundação da cidade, o cotidiano e as lembranças que marcaram a vida das pessoas. O resultado mostra o território alterado e com perdas significativas, principalmente, nos aspectos de vida imaterial no lugar, na identidade e na cultura desse povo.

Palavras chave: Nova Ponte. Deslocamento compulsório. Lugar. Cultura. Cidade pequena.

¹ Mestre e Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

² Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

DESPLAZAMIENTO OBLIGATORIO EN CIUDAD PEQUEÑA: EFECTOS PRODUCIDOS EN LA CULTURA, EN EL LUGAR Y EN LA IDENTIDAD DE VECINOS DE LA CIUDAD DE NOVA PONTE (MG)

RESUMEN

El presente trabajo trata del desplazamiento obligatorio en Nova Ponte, una ciudad pequeña, motivada por la implantación de hidroeléctrica, con efectos asociados a la cultura, al lugar y a la identidad desde el punto de vista de la población local. El área urbana de la ciudad fue inundada por la formación del depósito de la hidroeléctrica y, en consecuencia, se construyó una ciudad nueva, también llamada Nova Ponte. Se realizó una investigación, de carácter cuantitativo y cualitativo, con moradores egresados de la ciudad vieja, con el objetivo de comprender los significados de la inundación de la ciudad, el cotidiano y los recuerdos que marcaron la vida de las personas. El resultado muestra el territorio alterado y con pérdidas significativas, principalmente, en los aspectos de vida inmaterial en el lugar, en la identidad y en la cultura de ese pueblo.

Palabras clave: Nova Ponte. Desplazamiento obligatorio. Lugar. Cultura. Ciudad pequeña.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da pesquisa realizada no programa de pós-graduação em geografia da Universidade Federal de Uberlândia, em nível de mestrado, que gerou a dissertação intitulada Efeitos sociais de grandes empreendimentos hidrelétricos no Rio Araguari: a relação entre o uso do território e a saúde coletiva no município de Nova Ponte (MG). A discussão é permeada pelo deslocamento compulsório, promovido pela implantação de Grande Projeto de Investimento (GPI), escala nacional, no caso a Usina Hidrelétrica (UHE) Nova Ponte, que culminou com a completa inundação da cidade velha e o deslocamento para a cidade nova a 3 km de distância da antiga sede.

Para Santos (1988, p. 28) o espaço geográfico é “um conjunto indissociável de sistemas de objetos (fixos) e de ações (fluxos) que se apresentam como testemunhas de uma história escrita pelos processos do passado e do presente”. Os objetos criados pelo homem são, por exemplo, as barragens, os portos, os prédios e os objetos naturais são as árvores, os rios, as montanhas, etc. As ações remetem aos movimentos de pessoas, produtos e ideias. (MONKEN *et al.*, 2008).

Grandes projetos podem ser entendidos como aqueles que mobilizam capital, força de trabalho, recursos naturais, energia e território, em grande escala, segundo entendimento de Vainer e Araújo:

São empreendimentos que consolidam o processo de apropriação de recursos naturais e humanos em determinados pontos do território, sob a lógica estritamente econômica, respondendo a decisões e definições configuradas em espaços relacionais exógenos aos das populações/regiões das proximidades dos empreendimentos (VAINER; ARAUJO, 1992, p.34).

Nosso estudo versou sobre “deslocamento compulsório e os significados para o morador a partir da vida cotidiana, lembranças e memórias marcantes e os sentimentos experimentados com a inundação da cidade velha”, demonstrados nos relatos fruto das entrevistas com os moradores egressos da cidade velha. (ASTOLPHI, 2015, p.22).

A ideia foi trazer à tona as relações existentes com a cultura, o lugar e a identidade em um município de pequeno porte, escala local, que sofreu a interferência de um Grande Projeto de Investimento (GPI), escala nacional na perspectiva da subjetividade e da visão sistêmica sobre o território usado.

Para Capra (2006) a visão holística de mundo implica:

No desafio que remete à mudança paradigmática de concepções, de valores, de percepções e de práticas que traduz a singularidade da realidade de vida em comunidade, contrapondo, o modelo vigente: mecanicista, materialista, competitivo, classificação/posição diferenciada de gêneros, que torna-se fundante para o novo paradigma que requisita uma visão de mundo holística. (CAPRA, 2006, p.25-26).

No tocante à cultura e a historicidade toma-se a contribuição de Haesbaert (2004) que aponta para a abordagem do simbólico e se justifica por considerar que os grupos sociais na sua concretude mantêm relações significativas com o território, numa construção histórica e cultural.

Os deslocamentos compulsórios advindos dos grandes empreendimentos provocam mudanças no território que, por sua vez, podem influenciar no processo saúde-doença de seus moradores.

A ênfase dada ao território na abordagem do simbólico (Haesbaert, 2004) se justifica por considerar que os grupos sociais na sua concretude mantêm relações significativas com o território, numa construção histórica e cultural.

Para Astolphi (2015) os moradores submetidos ao deslocamento compulsório procedentes do meio rural ou do urbano, seja pela inundação das terras produtivas ou da cidade velha submersa, experimentam no território “vivido” novas territorialidades como “*continuum*” de um processo de dominação e/ou apropriação, pelos grandes empreendimentos hidrelétricos.

Nesse prisma, os deslocamentos compulsórios advindos dos grandes empreendimentos provocam mudanças no território que, por sua vez, levam a sua reestruturação e podem influenciar no processo de vida, saúde e trabalho de seus moradores.

Para Soja o entendimento sobre a reestruturação:

[...] não é um processo mecânico ou automático, nem tampouco seus resultados e possibilidades potenciais são pré-determinados. [...] implica fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma mescla complexa e irresoluta entre a reforma parcial e a transformação revolucionária, entre a situação de perfeita normalidade e algo completamente diferente (SOJA, 1993, p.193-194).

Para Santos (2006), território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da resistência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Quanto ao lugar e a identidade em relação à vida das pessoas, incluso nela os aspectos de saúde, Tuan (2012) traz a real importância quando relaciona os termos saúde e topofilia quando diz que “o fato de que as palavras “saúde”, “totalidade”, e “integralidade”, estejam etimologicamente ligadas, sugere um fato comum”. Nesses termos, a “topofilia” – topo (lugar) e filia (apego) – refere-se à identidade e quando o outro é negado, isso, associado à sensação de bem-estar (físico, mental e social) poderá ser afetado no novo território. (p.143).

No que se refere à localização da área de estudo (IBGE, 2013), na Mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, encontra-se o município de Nova Ponte, que faz parte da Microrregião Araxá, composta por Araxá, Nova Ponte, Pratinha e Tapira. Ainda, com os municípios limítrofes de Romaria, Estrela do Sul, Indianópolis, Uberaba, Sacramento, Santa Juliana, Pedrinópolis e Irai de Minas e está distante 472 quilômetros da capital (figura 1). É composto por 12.812 habitantes-IBGE/2010, constituída, predominantemente, pelo bioma cerrado. (IBGE, 2013).



Figura 1: Localização de Nova Ponte (MG).

Fonte: Nova Ponte. MG (2012).

Desta feita, a pesquisa foi realizada com moradores egressos da cidade velha, objetivando analisar os significados atribuídos à inundação da cidade, os aspectos da vida cotidiana e as memórias e lembranças da antiga sede da cidade de Nova Ponte (MG).

2 METODOLOGIA

O desenho amostral foi composto por 76 moradores egressos da cidade velha, que corresponde a 69% do total de 110 moradores pesquisados, esse previsto para moradores a partir de 40 anos de idade, e acrescido de moradores na faixa etária de 30-39 anos, com vivência mínima da infância e/ou da juventude, justificada a participação em virtude da contribuição em termos de memórias próprias da cidade antiga ou repassada pelos familiares que as antecederam.

Os participantes da pesquisa foram entrevistados, após o aceite e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o instrumento utilizado foi questionário específico para os moradores egressos da cidade velha.

O questionário, composto de 09 (nove) perguntas abertas, destas 03(três) fazendo referência à vida na cidade velha no que tange às lembranças/memórias cidade velha; aspectos da vida cotidiana; significados da inundação.

Na análise dos dados coletados de fonte primária, bem como, a estruturação dos questionários aplicados, utilizou-se “a quantificação e a análise temática”, conforme Minayo (2008, p.407) “com a intenção de correlacionar os dados primários coletados nos aspectos de classificar, categorizar e caracterizar os sujeitos da pesquisa”.

Trata-se de um estudo com abordagem quantitativa e qualitativa. Essas abordagens foram escolhidas pela “complexidade e subjetividade do objeto de estudo, uma vez que elas permitem o descobrimento ou aprofundamento de processos sociais, pois trabalha com o universo de significados, valores e atitudes” (MINAYO, 2007, p. 108).

Desta feita, foi possível considerar as experiências e os significados da mudança ocorrida no território, assim como, o cotidiano alterado, sob o ponto de vista dos moradores egressos da cidade velha.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No transcorrer do estudo, a opção por trabalhar o sentido do lugar, na percepção dos moradores da cidade velha, tendo como referência os sentimentos em relação à inundação da cidade, o cotidiano vivido, as lembranças e memórias marcantes, envolveu compreender a concepção de lugar na ciência geográfica.

Para Oliveira (2012) o sentido do lugar para a geografia é:

Desde o início da geografia humanista, foi sempre a essência propriamente dita da ciência geográfica [...] as dimensões significativas do lugar, que na realidade é o sentido que se atribui a este ou àquele (o meu, o seu ou nosso lugar), são pensadas em termos geográficos a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações. (p. 15).

Corroborado por Tuan (2012, p.19) quando conceitua topofilia, ao afirmar que “é elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, faz entender que tal concepção significa levar em consideração os laços afetivos do homem com o ambiente material, traduzidos em experiências e percepções diferenciadas, que resultam em sensações manifestas no corpo.

O entendimento do sentido do lugar para os sujeitos da pesquisa, especialmente, para os moradores egressos da cidade velha, consubstanciada pelas lembranças e memórias de mais de 20 anos da grande mudança, anteriores à inundação do núcleo urbano para a concretização do empreendimento hidrelétrico, foi analisado com base no material resultante das entrevistas com os 76 moradores da cidade velha, referente às três primeiras perguntas do questionário. (ASTOLPHI, 2015).

Os dados referentes à vida cotidiana na antiga cidade (pergunta 1) consentiu estabelecer dois conceitos: um associado às dificuldades encontradas no dia a dia e outro associado às facilidades experimentadas nesse cotidiano.

As dificuldades em relação às condições de vida material relativas à moradia, saneamento básico, trabalho, saúde e barreira geográfica foram demonstradas nos relatos dos entrevistados. O conceito referente às facilidades cotidianas na antiga cidade associou-se às condições de vida imaterial, afeta as relações pessoais e comunitárias, a tradição cultural, lazer, liberdade dentre outras expressões citadas, observadas na tabela 1.

CONCEITO TEMA	ASSOCIADO À DIFICULDADE	Nº	ASSOCIADO À FACILIDADE	Nº
Vida Cotidiana	Moradia precária. Falta de saneamento básico. Barreira geográfica. Trabalho exaustivo. Acesso incerto aos serviços de saúde.	22	Relação de vizinhança e compadrio. Tradição cultural e lazer. Tranquilidade, segurança e liberdade. Atividade rotineira e simplicidade.	54

Tabela 1: Aspectos da vida cotidiana na cidade velha.

Fonte: Astolphi (2015, p.113).

É visível nos relatos que apesar da carência de bens materiais, precariedade em termos de infraestrutura básica (saneamento básico, água tratada e coleta de lixo) entre outras, o conceito associado à dificuldade, não foi capaz de ultrapassar a relevância das relações afetivas com as pessoas e com o lugar, no contexto de vida dos moradores da cidade antiga, conceito esse associado à facilidade na vida cotidiana da antiga cidade de Nova Ponte.

Para a análise de conteúdo temática, foram selecionados trechos de depoimentos dos entrevistados que revelaram a prioridade das relações constituídas no cotidiano da vida diária e valorização da tradição, da cultura, se comparada ao acesso a bens de consumo e serviços.

Na sequência seguem trechos significativos das falas dos moradores da cidade velha, que legitimam os conceitos atribuídos à vida cotidiana na cidade velha:

“Era difícil não ter água tratada, ter uma moradia mais simples, mas..., tudo era bom, mesmo sendo assim na cidade velha” (Entrevistado 10).

“Uma vida boa, o povo era mais acolhedor, os vizinhos se conheciam e conversavam sempre. Era uma criança feliz e vivendo uma infância muito boa” (Entrevistado 26).

“Vida boa, com uma tradição cultural forte e expressa no convívio direto com as pessoas que mantinham essas tradições” (Entrevistado 102).

“Era uma vida rotineira, dona de casa e cuidava dos filhos. Fazia trabalho voluntário no lar dos idosos, clube de mães e auxiliava na Igreja de São Miguel” (Entrevistado 105).

“Era uma vida simples, casas velhas, mas as pessoas pareciam ser mais felizes” (Entrevistado 110).

Quanto às lembranças /memórias que marcaram a vida na cidade velha (pergunta 2) os dados coletados foram categorizados em relação ao local, ao evento e à atividade para congregar os dados em função da frequência em que foram citadas pelos entrevistados, demonstrada na tabela 2.

As lembranças e memórias referentes aos eventos foram as mais citadas, - com destaque aos espaços e as festas religiosas-, seguidas pelos locais e por último relativas às atividades. Desta, há ênfase na memória dos entrevistados de ações muito simples, hábitos de vida cotidiana materializada por laços afetivos fortes entre os indivíduos e com as atividades prazerosas efetivadas no contexto coletivo.

Categoria	Tipo	Citação Específica	Freq.
Relativa aos locais	Igrejas. Escolas. Praça. Rio. Ponte.	Igrejas: de São Miguel, São Sebastião, São João, Santa Luzia, da Medalha. Escola São Miguel. Rio (Salto).	47
Relativa aos eventos	Festas religiosas. Festa cultural. Encontros de família, amigos e vizinhos. Bailes.	Festa da Cavallhada. Festa de Santos Reis.	56
Relativa às atividades	Brincadeiras de infância. Passeios. Esporte. Lazer.	Passeios na praça. Travessia da ponte. Andar de carro de boi. Pescaria com amigos. Jogar futebol.	32
Total			135

Tabela 2: Categorias de lembranças e memórias marcantes da vida na cidade velha.

Fonte: Astolphi (2015, p.116).

Alguns fragmentos das falas dos entrevistados reforçam as categorias identificadas sobre as lembranças e memórias que marcaram a vida dos moradores na cidade velha:

“Lembro-me da cavallhada, festa tradicional da cidade, além das festas na Igreja de São Sebastião, bairro que morava. A pracinha era o único local de lazer que tínhamos. Das brincadeiras de infância, brincava de queimada, jogava bola em baixo de duas árvores [...]” (Entrevistado 8).

“A Igreja Matriz de São Miguel, que foi destruída, isso a gente não esquece, eu me casei lá. Não me esqueço da casa dos meus pais, que ficava na avenida principal” (Entrevistado 41).

“A cultura foi que deixou a marca maior, assim como, o lazer que a gente tinha lá e a convivência não tem mais” (Entrevistado 46).

“Foi triste ver as casas antiga acabando, a igreja ficando debaixo d’água, fica tudo guardado na memória do passado” (Entrevistado 55).

“A natureza de Nova Ponte era linda e suas árvores centenárias e tenho lembranças do banho no rio, da pescaria e das brincadeiras de infância” (Entrevistado 94).

Dentre as lembranças e memórias relativas aos eventos a mais citada foi a tradicional festa da cavallhada enquanto que aos locais aparecem os espaços religiosos, como a Igreja de São Miguel, em especial.

A categorização das respostas obtidas para a terceira pergunta que está relacionada ao sentimento experimentado e ao significado da inundação da cidade velha, foi acrescida da categoria atitude, que apareceu em boa parte das falas, razão pela qual foi inclusa. Ainda, foram selecionadas expressões de positividade e de negatividade em relação aos sentimentos e significados da inundação para os moradores. Tal resultado está demonstrado na tabela 3.

Categorias	Expressão Positiva	Freq.	Expressão Negativa	Freq.
Sentimento	Alegria. Esperança. Apreço.	3	Tristeza. Desalento. Dor. Comoção. Medo. Desgosto. Ruindade. Assombro.	43
Significado	Oportunidade. Novidade. Vitória. Melhoria. Progresso.	16	Perda. Insegurança.	8
Atitude	Otimismo. Normalidade. Satisfação.	9	Abatimento. Hostilidade. Indecisão. Saudade.	15
Total		28		66

Tabela 3: Sentimentos e Significados relativos à inundação da cidade velha.

Fonte: Astolphi (2015, p.118).

Assim, nota-se que há incerteza, imprecisão em relação à frequência do sentimento como expressão negativa (43) e positiva (3) se compararmos à frequência do significado como expressão negativa (8) e positiva (16). É possível inferir que a inundação da cidade velha simultaneamente significou prosperidade e melhoria em termos materiais (recursos e infraestrutura), fez emergir um sentimento de tristeza pela perda do lugar afetivo, presente na maior parte das falas. Quanto à atitude as expressões negativas (15) de abatimento, indecisão, foram maiores em relação às expressões positivas (9), apesar da concretização da mudança gerar atitudes que variaram do otimismo à normalidade.

A apreciação exposta encontra sustentação e foi confirmada pelos depoimentos dos entrevistados quanto aos sentimentos/significados experimentados com a inundação da cidade velha, abaixo expressos:

Aspectos negativos da inundação da cidade velha e do deslocamento para a cidade nova.

“Para mim significou um pedacinho da gente que foi embora, por mais que fosse sofrido, era acostumada com a vida que tinha uma mudança para outro lugar, não sabia se daria certo. Na mudança perdi meu marido, [...] cercada de muita dor e de perda e de nenhuma alegria” (Entrevistado 6).

“Nossa... foi uma tristeza só, por mais que na cidade velha não tinha água tratada, rede de esgoto, asfalto e nada para fazer, porém aquilo era uma alegria só, éramos felizes, tínhamos vizinhos conhecidos de longa data. Na época éramos felizes e não sabíamos. [...]” (Entrevistado 8).

“Eu senti a mudança, fui um dos últimos a mudar, não por resistência, já que teria que mudar mesmo [...], tive um prazo curto para mudar, estava com problemas na casa fora das exigências da Cemig, assim, acabei mudando mais tarde. Após a mudança, quase entrei em depressão, [...]” (Entrevistado 19).

“É muito triste, lembro-me do dia que derrubou a torre da Igreja de São Miguel, o meu irmão recolheu a cabeça da estátua, que hoje está lá na frente da Igreja atual. É triste ver as coisas debaixo d’água e hoje como a água da represa está muito baixa a gente vê algumas partes [...]” (Entrevistado 30).

“A igreja não via mais, parecia um terremoto, a cidade velha era bonita para mim e ver tudo debaixo d’água foi uma coisa ruim, tanto que vendi o ranchinho e fui embora para outra cidade... depois é que voltei” (Entrevistado 58).

“Achei ruim ver a igreja de São Miguel inundada, com a sua escadaria e o altar embaixo d’água, assim como, as terras boas e as culturas tampadas de água” (Entrevistado 95).

Aspectos positivos da inundação da cidade velha e do deslocamento para a cidade nova.

“Significou que para quem não tinha nada e passava por muitas dificuldades foi melhor a inundação e a mudança para outro local. Porém, a cidade velha era mais tranquila, sem violência e uso de drogas pelos jovens, como acontece hoje em dia” (Entrevistado 15).

“A minha família... não tinha outra opção, tiveram que mudar da cidade velha. Depois que a Cemig explicou sobre os benefícios econômicos e que era lucrativo, meu pai entendeu melhor e mais que ele era comerciante na cidade velha” (Entrevistado 36).

“Achei bom, pois na cidade velha apesar de gostar de lá, a minha casa era velha, não tinha condição de retocar a casa, quando chovia entrava água, formava um barranco de terra, com a indenização da Cemig pela casa velha, pude construir uma casa boa na cidade nova [...]” (Entrevistado 42).

Expressões de ambiguidade em relação à inundação da cidade antiga e a mudança para a cidade nova.

“Olha (pausa na fala...) tem o lado negativo e o lado positivo. O negativo é que ficaram muitas lembranças, da Igreja, da casa dos meus pais [...]. O lado bom foi a indenização, as casas eram velhas [...] Com a indenização construímos uma casa boa e na parte central da cidade” (Entrevistado 41).

“Foi muita coisa ao mesmo tempo, tristeza daquilo que vivi durante muitos anos debaixo d'água e ao mesmo tempo, alegria de vir para a cidade nova, com melhor estrutura. Sentimento misto de bom e ruim” (Entrevistado 56).

Os relatos dos sujeitos da pesquisa revela o processo de submissão ao inevitável, ao novo, sem muita resistência e ainda, aderência ao discurso de que “os benefícios materiais e recursos financeiros, por si só, justificam deixar para trás, toda uma história de vida com o lugar, com as pessoas, a despeito da profunda tristeza, do lamento, do apego e da perda de laços construídos ao longo da vida” (ASTOLPHI, 2015, p.121-122).

Deste modo, sugere-se o desenvolvimento de um processo de cooptação do morador atingido, ainda que oculto, por vezes inconfessável por parte da representação do poder que os subjuga.

Para além desta constatação, de acordo com Astolphi (2015) “a população com pouca ou nenhuma experiência com os espaços de organização social [...] constituindo a associação de moradores com a finalidade específica de garantir alguns direitos [...]” (p.122).

Desta maneira, a associação de moradores cumpriu o papel burocrático na relação população e empreendimento, isso com o aval do poder público municipal, que de certa forma representa também o agente do capital.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de pequeno porte, Nova Ponte, com um contingente populacional de 12.812 habitantes (IBGE, 2013), passou por reestruturação com a chegada de Grande Projeto de Investimento (GPI) de escala nacional, como o empreendimento hidrelétrico, que trouxe marcas importantes e mudou o curso natural das coisas.

O processo de deslocamento compulsório gerado pela implantação da UHE Nova Ponte foi explicitado nos aspectos da cultura, do lugar e da identidade, contextualizados na vida dos moradores submetidos.

Logo, o território alterado e afetado no “modus vivendi” das cidades pequenas cujos sistemas passam por reestruturação, pois, a estrutura sofre uma ruptura, nesse caso, com a implantação dos GPI’s, que muda a trajetória, ou seja, a ordem anteriormente estabelecida.

O território em assunto evidencia as facetas (funcional e simbólica) de seu uso, com a implantação da UHE de Nova Ponte. O deslocamento compulsório gera nos atingidos tanto o medo de perder recursos quanto de perder símbolos, numa mescla de ter e de ser em relação ao território usado pelo empreendimento.

A implantação da usina hidrelétrica requisitou mudanças substanciais no contexto de vida da população local e no caso de Nova Ponte foi a completa inundação do núcleo urbano (cidade velha) e o remanejamento de toda a população para a nova sede (cidade nova) e, por conseguinte, gerou efeitos diretos e indiretos no cotidiano de seus moradores.

Podem-se associar aos efeitos diretos as implicações de ordem material, como o alagamento das propriedades rurais, de toda a cidade, incluindo os locais de expressão religiosa como as igrejas, dentre outros locais tradicionais. Por outro lado, os efeitos indiretos relacionam-se às consequências de ordem imaterial (perda de laços de entendimento e cooperação comunitária, ruptura dos vínculos com família e vizinhança), produto do deslocamento compulsório.

Alguns moradores consideram que os recursos materiais advindos da remoção para a cidade nova, como a indenização, moeda de troca promovida pelo empreendedor, foram transitórios. Isso enfatiza a longitudinalidade dos símbolos, presente no sentimento de pertencimento, como mostra a fala do morador após 20 anos de deslocamento compulsório “[...] *Sinto falta das amizades sinceras, do movimento do rio, do manancial de riquezas [...] Pelos monumentos e ruínas, ainda sofro [...] Trouxe progresso, mas o que ficou debaixo d’água*” (Entrevistado 106).

Deste modo, sucedeu a subjetivação do homem com o espaço modificado pela ação externa e diferentemente dos movimentos naturais, que em tese obedecem ao ciclo natural da organização social do lugar. Além do mais, aparece a agressão pelo espírito, como efeito da tomada de decisão pelos grandes projetos de investimentos, isto percebível, como efeitos na alma, na singularidade, na alteridade, no simbolismo, naquilo que é internalizado pelo homem, retratado no convívio em coletividade.

A “Topofilia”, citada por Tuan (2012) como relação amorosa com a terra, leva em consideração a observação da paisagem, manifestações afetivas, elementos da cognição, percepção e mesmo comportamento do homem diante de seu meio. Isso ajuda a esclarecer o

significado do sentimento de perda das pessoas submetidas ao deslocamento compulsório, em decorrência dos grandes projetos de investimentos.

Esta relação expressa nas falas dos moradores egressos da cidade velha, desde os aspectos da vida cotidiana, passando pelas lembranças e memórias que os marcaram e, culminando com significados e sentimentos manifestos em relação à inundação, implicou na alteração do curso natural da vida do lugar e das pessoas, para atender às exigências do desenvolvimento e do progresso a qualquer preço.

Dessa feita, a subjetividade impressa nas falas dos moradores, mais especialmente no que se refere aos sentimentos de tristeza, de desolamento, de perda, citados na maioria dos relatos, sugere uma forte carga de sofrimento pelo imaterial, algo não mensurável pelo dinheiro.

Em suma, o significado do lugar para os moradores da cidade velha de Nova Ponte, submetidos ao deslocamento compulsório, em função da implantação da hidrelétrica, exprime a filiação do ser humano para com o ambiente que o cerca, da associação da pessoa ao lugar de vida, os meios pelos quais respondem ao ambiente, por sua apreciação estética, efêmera, repentina ou percebida pelos sentidos, tátil, visual, auditiva. Ainda, a história e reconhecimento, vinculado ao sentimento de pertencimento pelos vínculos históricos estabelecidos na trajetória de vida.

A reflexão ora apresentada encontra ressonância na afirmação de Tuan (2012) que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (p. 144).

5 REFERÊNCIAS

ASTOLPHI, J.D.V.C. **Efeitos sociais de grandes empreendimentos hidrelétricos no Rio Araguari**: a relação entre o uso do território e a saúde coletiva no município de Nova Ponte (MG). 2015.149 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2006.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

IBGE. **População**. [2013]. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_minas_gerais.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2013.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. revista e atualizada. Petrópolis: Vozes, 2007. cap. 1, p. 9-29.

_____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2008.

MONKEN, M.; PEITER, P.; BARCELLOS, C.; IÑIGUEZ ROJAS, L.; NAVARRO, N. B. M. de A.; GONDIM, G. M. de M.; GARCIE, R. O território na saúde construindo referências para análise em saúde e ambiente. In: MIRANDA, A. C. de; BARCELLOS, C.; MOREIRA, J.C; MONKEM, M. **Território, ambiente e saúde**. Rio de Janeiro, editora Fiocruz, 2008, p. 23-41. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=516632&indexSearch=ID>>. Acesso em: 07 jan. 2015.

NOVA PONTE (MG). **Localização de Nova Ponte em Minas Gerais**. 2012. Disponível em: <http://www.mfrural.com.br/cidade/nova-ponte-mg.aspx> Acesso em: 28 set.2014.

OLIVEIRA, L. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JUNIOR, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. (Org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 3-16.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, M; BECKER, B. K. (Org.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SOJA, E. **Geografias pós - modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VAINER, C. B.; ARAUJO, F. G. B. **Grandes projetos hidrelétricos e desenvolvimento regional**. Rio de Janeiro: CEDI, 1992.